

(X) Graduação () Pós-Graduação
**A MONOCROMIA DA DIETA: UMA ANÁLISE DA OFERTA E DO CONSUMO DE
ALIMENTOS NA CIDADE DE NAVIRAÍ**

Carlos Henrique Melo Bernegossi
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)
carloshenriquebernegossi@hotmail.com

Aldenor da Silva Ferreira
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
aldenorferreira@ufscar.br

RESUMO

Este artigo analisa a perda da diversidade do consumo de frutas, legumes e verduras na cidade de Naviraí. A pesquisa foi feita nos principais supermercados da cidade e, por meio da observação e de anotações feitas no caderno de campo, bem como da realização de entrevistas com alguns consumidores, levantamos alguns dados acerca do consumo desses alimentos. O objetivo é produzir novos conhecimentos que possam subsidiar a discussão acerca da importância da diversidade no consumo de alimentos, denunciando, ao mesmo tempo, a lógica produtivista e monocromática do mercado, que elege e determina que variedades de frutas, legumes e verduras serão produzidos e, conseqüentemente, consumidos pela população dos centros urbanos. A conclusão provisória que chegamos é que há uma perda significativa da diversidade da oferta de frutas, legumes e verduras nas gôndolas dos principais supermercados da cidade, fato que levará, certamente, a um consumo pouco diversificado também.

Palavras-chave: Alimentos; Consumo; Diversidade; Variedades.

1 INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo está cada vez mais globalizado, isso é um dado de realidade. Vivemos, hoje, a era da sociedade técnico-científico-informacional, como declarou o geógrafo Santos (1996). Em nossa era, informações, ideias, valores, conflitos, perdas, ganhos etc., podem ser acessados e visualizados a partir de dispositivos eletrônicos que estão disponíveis na palma da mão. A aldeia global, para utilizar, aqui, uma expressão de McLuhan (1972) vive uma intensa troca cultural e, também, compartilha de perigos e preocupações, de igual forma, de alcance global, como as epidemias, o terrorismo e as catástrofes naturais.

Contudo, apesar desse amplo intercâmbio cultural, o mundo contemporâneo está cada vez mais monocromático. No capitalismo, aquilo que era uma bandeira defendida com muita força pela doutrina liberal clássica – a livre concorrência –, vem sendo solapada pelos monopólios e oligopólios. Poucas companhias disputam, hoje, os mercados locais, regionais,

nacionais e mundiais, não há diversidade, não há, de fato, concorrência. A sociedade e nosso modo de consumo vêm se tornando em uma hegemonia cultural, um conjunto de ideias dos dominantes em uma determinada situação como social, política, cultural e econômica. Nesse jogo, tanto a sociedade civil quanto a sociedade política estão presentes. Os dois influenciam um ao outro, e o governo é fruto do pensamento dominante, hegemônico¹.

No mundo, grandes companhias como o Walmart e o Carrefour controlam o setor mundial de supermercados. A Coca-Cola e a Ambev monopolizam o mercado de bebidas; Netflix e Amazon monopolizam o mercado de streaming; Microsoft e Apple o mercado de informática, enfim, em cada segmento há baixíssima diversidade e concorrência, o que prevalece mesmo é o monopólio e o oligopólio.

Nesse sentido, o mundo está a cada dia mais mono, no sentido de monopólio e monocromático, ou seja, com pouca cor. Essa monocromização do mundo se reflete também na oferta e no consumo de alimentos.

Diante desse quadro, devemos, nos perguntar: quantas espécies de banana há na natureza, com efeito, quantas espécies estão disponíveis nas gôndolas dos supermercados? Quantas espécies de manga, de abacaxi, de mamão, dentre outras, existem na natureza, mas quantas espécies são produzidas, distribuídas e, conseqüentemente, consumidas pela população? O quão diverso é a nossa dieta alimentar proteica?

Nas últimas décadas, o padrão alimentar da população urbana, e mesmo rural, mudou bastante, com a população urbana sendo mais afetada devido a vários fatores, dentre os quais estão: a não produção ou a baixa produção de frutas, legumes e verduras, os meios de transporte e abastecimentos, os preços, dentre outros. Mas é importante nos perguntarmos se isso foi uma mudança causada pela própria dinâmica da vida social, ou se foi causada por uma ação planejada do mercado, do avanço do capitalismo no campo, materializado na sua forma de agroindústria. Há de se considerar também o crescimento da indústria alimentos e a ampliação de seus mercados, impondo um consumo excessivo de produtos processados, em detrimento de produtos naturais produzidos localmente ou regionalmente.

Outra variável importante, que contribuiu para a redefinição dos hábitos alimentares do brasileiro foi a necessidade de alimentação fora de casa, bem como a necessidade de aquisição de alimentos pré-cozidos ou instantâneos, que favorecem a perda da diversidade de gêneros

¹ De acordo com Portelli (1977), a hegemonia, conforme Gramsci, exerce um conjunto de funções de dominação e liderança exercidas por uma classe social dominante durante um período de tempo, sobre outra classe social ou mesmo sobre um grupo de classes de uma sociedade. A hegemonia consiste em duas funções: dominação e a orientação intelectual, moral e hegemônica.

alimentícios e o consequente aumento no consumo de alimentos industrializados. Além disso, a publicidade e o ideário consumista, característica marcante da sociedade moderna, cuja principal função se volta para a própria essência do capitalismo, ou seja, a venda de produtos e serviços com vistas à apropriação do lucro, contribuiu bastante para a inauguração de uma nova relação da população com a produção e o consumo de alimentos.

Ocorre que, se a ideologia do consumo se vincula a interesses mercadológicos, o seu grande sucesso, bem como suas consequências, transcende questões de natureza meramente econômica. Assim, a publicidade e a ideologia consumistas ganham importância, favorecendo a formação de novos hábitos alimentares e influenciando as escolhas dos consumidores (LUIZ, 2005).

Nesse sentido, fizemos alguns questionamentos acerca dessa situação, tendo como locus a cidade de Naviraí localizado na região Conesul, estado de Mato Grosso do Sul, a saber: a) como a monocromia da dieta incide sobre a perda da diversidade de alimentos consumidos na cidade? b) qual o nível de variedade na oferta de frutas, legumes e verduras nas gôndolas dos supermercados da cidade? c) qual o nível de conhecimento da população acerca das variedades das espécies frutíferas que podem ser consumidas?

Como dito, a pesquisa foi feita nos principais supermercados da cidade, observamos por algumas semanas a seção de hortifruti desses estabelecimentos e fizemos anotações em um caderno de campo, realizamos algumas entrevistas e, também, fizemos registros fotográficos dessa seção. Antes da pesquisa de campo, nos dedicamos ao levantamento de material bibliográfico acerca do tema, com leitura e análise de artigos científicos, reportagens, vídeos e monografias.

A pesquisa indicou que há um quadro de perda da diversidade no consumo de frutas, legumes e verduras na cidade, por outro lado, a pesquisa revelou também que há, no município, uma rede de produtores que praticam uma agricultura familiar periurbana que podem, realizados os investimentos necessários, contribuir para a diversificação da oferta de produtos hortifruti para o abastecimento local. Uma política de incentivo aos pequenos produtores familiares para uma produção mais diversificada de frutas, legumes e verduras poderia diminuir a monocromia das gondolas dos supermercados locais, melhorando, dessa forma, a dieta dos naviraienses.

O município de Naviraí fica localizado na região sul do estado de Mato Grosso do Sul. Essa região conhecida como região Conesul tem sua formação econômica fundamentada na produção agropecuária, com destaque para a produção de grãos, destacando-se as culturas de milho, soja e, também, da cana-de-açúcar. Conforme o Estudo da Dimensão Territorial do

Estado de Mato Grosso do Sul: Regiões de Planejamento (2015), a pecuária bovina de corte tem rebanho estimado em aproximadamente um milhão de cabeças, com maior expressão no município. Como maior polo econômico e de liderança urbana da região aparece o município de Naviraí. Além da força da sua agropecuária, o município vem experimentando um rápido crescimento da indústria e da agroindústria, onde se destacam os setores de alimento, com beneficiamento de carne, grãos, mandioca, leite.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Perda da diversidade

Boaventura de Souza Santos, em *A gramática do tempo: por uma nova cultura política* (2006, p. 102-5).), no capítulo *Uma Sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*, depois de (des)construir os pressupostos da razão indolente, em favor da razão cosmopolita, propõe, primeiramente, distinguir os cinco modos de produção da não existência distinguindo-os em cinco lógicas:

1 a lógica da monocultura do saber e do rigor do saber; 2 a lógica da monocultura do tempo linear; 3 a lógica da classificação social que se assenta na monocultura da naturalização das diferenças; 4 a lógica da monocultura da escala dominante em detrimento de outras possíveis escalas e, por fim, 5 a lógica da monocultura centrada nos critérios da produtividade capitalista.

Em razão do diagnóstico realizado, apresenta a proposta de que a sociologia das ausências supere a lógica das cinco monoculturas pela lógica das cinco ecologias – que significa reconhecer a diversidade epistemológica do mundo e sugerir que a diversidade é também cultural e, em última instância, ontológica, traduzindo-se em múltiplas concepções de ser e estar no mundo:

1 a lógica da monocultura do saber e do rigor do saber tem que ser confrontada com a identificação de outros saberes e outros critérios de rigor que operam credivelmente nas práticas sociais [...] A ideia central [dessa ecologia] é que não há ignorância em geral nem saber em geral. Toda ignorância é ignorância de certo saber e todo saber é a superação de uma ignorância particular [...] O princípio da incompletude de todos os saberes é condição de possibilidade de diálogo e debate epistemológico entre diferentes formas de conhecimento [...]; 2 a lógica da monocultura do tempo linear, é confrontada pela sociologia das ausências com a ideia de que o tempo linear é uma entre muitas concepções do tempo e de que, se tomarmos o mundo como nossa unidade de análise, não é sequer a concepção mais praticada [...]; 3 a lógica da classificação social incide prioritariamente na desqualificação sobre os agentes, e só derivada mente sobre a experiência social (prática e saberes) de que eles são

protagonistas – aqui se impõe o imperativo de uma ecologia do reconhecimento; 4 a lógica do universalismo abstrato e da escala global, é confrontada pela sociologia das ausências através da recuperação simultânea de aspirações universais ocultas e de escalas locais/globais alternativas que não resultam da globalização hegemônica [...]; por fim, 5 a sociologia das ausências, ao se contrapor a monocultura da produtividade capitalista, defende a recuperação e a valorização dos sistemas alternativos de produção, das organizações econômicas populares, das cooperativas operárias, das empresas autogeridas, da economia solidária etc.; que a ortodoxia produtivista capitalista ocultou ou descredibilizou (SANTOS, 2006, p. 105-15).

O fim da diversidade da produção de alimentos, ocasionada por questões de mercado, é uma espécie monopólio do conhecimento, é a “lógica da monocultura da escala dominante em detrimento de outras possíveis escalas”.

O mercado simplesmente seleciona e elege determinadas espécies que serão produzidas e, conseqüentemente, consumidas pelas pessoas. Se, por um lado, isso é tecnicamente mais viável, por outro lado, assassina “a diversidade epistemológica do mundo”, pois os conhecimentos empregados na produção de muitas espécies de frutas, por exemplo, tendem a desaparecer. A mesa do dia a dia de qualquer família fica mais pobre, perde a cor, se torna uma mesa monocromática, daí a importância do retorno da diversidade, em todos os sentidos e segmentos.

2.2 A hegemonia do capital na alimentação

O sociólogo italiano Antônio Gramsci tratou em suas obras sobre o conceito de hegemonia e bloco hegemônico, a chamada superestrutura no marxismo clássico, como elemento a partir do qual poder-se-ia realizar uma ação política e como uma das formas de criar e reproduzir a hegemonia cultural. Segundo Mochcovitch *apud* Dantas (2015, p. 17).

A hegemonia cultural é, portanto, um conjunto de ideias dominantes de uma determinada conjuntura social, política, cultural e econômica. Ela não é permanente, mas o Estado, e seus líderes, são o resultado desse somatório de forças em disputa. Neste jogo estão presentes a sociedade civil e a sociedade política. As duas se influenciam mutuamente, e o governo é o resultado das ideias dominantes. Segundo Mochcovitch, o conceito de hegemonia, finalmente, representa talvez a contribuição mais importante de Gramsci à teoria marxista. Hegemonia é o conjunto das funções de domínio e direção exercido por uma classe social dominante, no decurso de um período, sobre outra classe social e até sobre o conjunto das classes da sociedade. A hegemonia é composta de duas funções: função de domínio e função de direção intelectual e moral, ou função própria de hegemonia.

Nesse sentido, tomando o conceito de hegemonia como base interpretativa, pode-se dizer que os interesses do grande capital agroindustrial se concentram de forma hegemônica na produção agrícola para a exportação. Essa escolha política e produtiva, que remonta a um processo de subordinação ao capital estrangeiro histórico do Brasil, traz consequências diretas para a perda de diversidade na produção de alimentos básicos para a população. A alimentação tem se homogeneizado progressivamente, passando de um sistema diversificado para outro hiper especializado e integrado aos amplos sistemas de produção agroalimentar. Atualmente, praticamente em todo o mundo a base da alimentação provém de um sistema de produção e distribuição em escala planetária, cabendo à indústria alimentícia o papel de definir o que e como as pessoas comem (CANESQUI; GARCIA, 2005 *apud* MACHADO; OLIVEIRA; MENDES, 2016).

Desse modo, para a indústria alimentícia, a definição de alimento passa a ser pautada no entendimento do alimento-mercadoria, onde o objetivo maior é a disponibilidade de produtos gerados por meio de alta tecnologia industrial. A alimentação vem sendo dominada pela lógica privada do capital, transformando o alimento em mercadoria. Isso é o que se come. Já a definição do comer – enquanto modo, enquanto processo social – é caracterizada pelo estímulo da individualidade e pelo uso da subjetividade de um sistema de significação simbólica do modelo capitalista de consumo (FISCHLER, 1995; POULAIN, 2004, *apud* MACHADO; OLIVEIRA; MENDES, 2016).

Nunca antes a produção de alimentos humanos esteve tão concentrada sob o controle de uma mesma matriz produtiva. A humanidade nunca teve tão poucas empresas em mercados oligopolistas, atuando em nível internacional e tendo tanto controle sobre a produção e comercialização de alimentos como agora. Estima-se que menos de 50 grandes corporações multinacionais em todo o mundo tenham controle majoritário sobre a produção de sementes, insumos agrícolas e produção e distribuição de alimentos (STEDILE; CARVALHO, 2010).

2.3 Soberania alimentar e cidadania

A soberania alimentar está diretamente relacionada ao direito de as pessoas escolherem que alimentos serão consumidos, bem como os meios mais eficazes de produzi-los e distribuí-los. A existência de políticas para apoiar essa escolha é fundamental e tem como objetivo abrir um diálogo sobre os desafios de produzir alimentos saudáveis e acessíveis para toda a população. Conforme Collado (2011, p. 5-6):

El papel que la ciencia convencional otorga a científicos y técnicos es jerárquico respecto a la ciudadanía. Así, el agrónomo o el agente de desarrollo rural, bajo este enfoque, se sienten legitimados para imponer tecnologías agrarias y propuestas de desarrollo rural que implican formas de conocimiento y de organización sociocultural ajenas a los agricultores con independencia de las necesidades, valores e intereses de los mismos. Este posicionamiento jerárquico es el que domina las perspectivas del desarrollo rural todavía hoy dominantes, fruto de la creencia en una “revolución verde” que se niega a constatar su fracaso en su objetivo de “fabricar” un mundo sustentable. Esta dinámica se extiende al resto de la sociedad y por todo el planeta de la mano de la globalización alimentaria.

A soberania alimentar, portanto, busca o direito dos povos a definir suas próprias políticas e estratégias de produção, distribuição e o consumo dos alimentos, garantindo alimentos saudáveis, acessíveis e com quantidade adequada para as famílias e, também, respeitando suas próprias culturas e as diversidades dos modos de produções, comercializações e gestão; na qual a mulher e a juventude desempenham um papel fundamental com a participação de todos. Para isso acontecer é necessário a defesa dos territórios dos camponeses, dos povos indígenas e quilombolas (BURITY; FRANCESCHINI; VALENTE, 2010).

Nosso atual sistema alimentar brasileiro, e de outros países também, não há o devido respeito à biodiversidade e à cultura alimentar dos sujeitos sociais. Sem contar o fato de que nosso alimento tem sido produzido sob a égide dos defensivos agrícolas perigosos à saúde. Nesse sentido, consumimos alimentos ultra processados com grandes quantias de sais, açúcar, gorduras e substâncias químicas variadas. É amplo o conhecimento produzido acerca da má alimentação como sendo causa de inúmeras doenças como obesidade, diabetes hipertensão, câncer, dentre outras doenças.

O conceito soberania alimentar, portanto, considera as diferentes situações em cada território para que ninguém passe fome e para que todos comam bem. A cadeia de produção tenha trabalhadores renumerado justamente e tendo uma lógica cada vez mais ecológica. Sua proposta seria enxergar os alimentos a partir da cadeia de produção e consumo, pautada por justiça social para quem produz, para quem consome e para quem compra (BURITY; FRANCESCHINI; VALENTE, 2010).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa procurou analisar a monocromia da dieta e a perda da diversidade de alimentos consumidos na contemporaneidade da cidade de Naviraí-MS. O método de pesquisa utilizados foram orientados pelo método qualitativa que, segundo Oliveira (2012, p. 37),

um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. Esse processo implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observação, aplicação de questionários, entrevistas e análise de dados, que deve ser apresentada de forma descritiva (OLIVEIRA, 2012, p.37.)

Segundo a autora, a pesquisa descritiva tem como objetivo analisar os fatos e os fenômenos, no caso deste artigo analisar a ofertas de alimentos e descrever de forma detalhada as análises e as observações coletadas, permitindo a análise do problema no que tange às suas implicações sociais.

Neste estudo foram usadas as seguintes técnicas de coleta de dados: entrevistas nos supermercados e observação participante. A partir disso, elaboramos avaliações estatísticas com as informações coletadas, procedendo a análise de conteúdo dos dados qualitativos dentro dos seguintes contextos: organização e avaliação dos dados e documentos coletados durante a pesquisa; codificação dos registros fotográficos e das observações e categorização das ofertas dos alimentos.

A análise e discussões da oferta e do consumo de alimentos na cidade de Naviraí são: 1) coleta de dados primários e formação de banco de dados sobre a diversidade de alimentos consumidos, através da observação e entrevistas nos mercados e estabelecimentos; 2) relatório de caracterização dos mercados e feiras através dos registros fotográficos e de observação; 3) apresentação de dados estatísticos através gráficos e tabelas resultantes da pesquisa, como: a perda da diversidade da oferta e do consumo de alimentos na cidade de Naviraí; os alimentos mais ofertados e consumidos pelas famílias na cidade; e a oferta e o consumo de alimentos da atualidade com o passado recente da cidade.

Na observação direta, o elaboramos uma planilha para fazer os registros da observação. A seguir modelo da ficha de observação utilizada na pesquisa de campo:

**Modelo da ficha de observação:
 Mercado: C. Vale**

	Frutas		
Data:	16/06/2021	13/07/2021	17/08/2021
Banana:	Nanica, Prata e Maçã	Nanica, Prata e Maçã	Nanica, Prata e Maçã
Laranja:	Pera e Bahia Importada	Pera	Pera
Melancia:	Combat	Combat	Combat
Maça:	Gala, Argentina Vermelha, Importada Vermelha e Verde	Gala, Argentina Vermelha, Importada Vermelha e Verde	Gala, Argentina Vermelha, Importada Vermelha e Verde
Abacaxi:	Havaiano	Havaiano	Havaiano

Manga:	Roxa	Roxa	Roxa
Tangerina:	Importada	Importada	Importada
Melão:	Amarelo	Amarelo	Amarelo
Limão:	Siciliano e Taiti	Siciliano e Taiti	Taiti

		Hortaliças:	
Data:	16/06/2021	13/07/2021	17/08/2021
Tomate:	Cereja e Graúdo	Cereja e Graúdo	Cereja e Graúdo
Batata:	Granel, Salsa e Primeirinha	Granel, Salsa e Primeirinha	Granel, Salsa e Primeirinha
Cebola:	Nacional e Roxa	Nacional e Roxa	Nacional e Roxa
Cenoura:	Laranja	Laranja	Laranja
Batata-Doce:	Roxa	Roxa.	Rox
Abobora:	Moranga, Seca e Cabotiã	Moranga, Seca e Cabotiã	Moranga, Seca e Cabotiã
Repolho:	Verde e Roxo	Verde e Roxo	Verde
Alface:	Crespo	Crespo	Crespo
Chuchu:	Verde	Verde	Verde
Alho:	Argentino	Argentino	Argentino

A pesquisa de campo ocorreu nos principais mercados do Município de Naviraí – MS, sendo eles Supermercado Cro Cra, Supermercados Santos, Fogo Atacadista, C. Vale e Supermercado Chama e, também, no estabelecimento Só Frutas.

Ao todo foram seis locais com intuito de analisar a pouca oferta de variedade de frutas, legumes e verduras nos supermercados da cidade, visando discutir teoricamente a perda da diversidade alimentar na cidade.

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

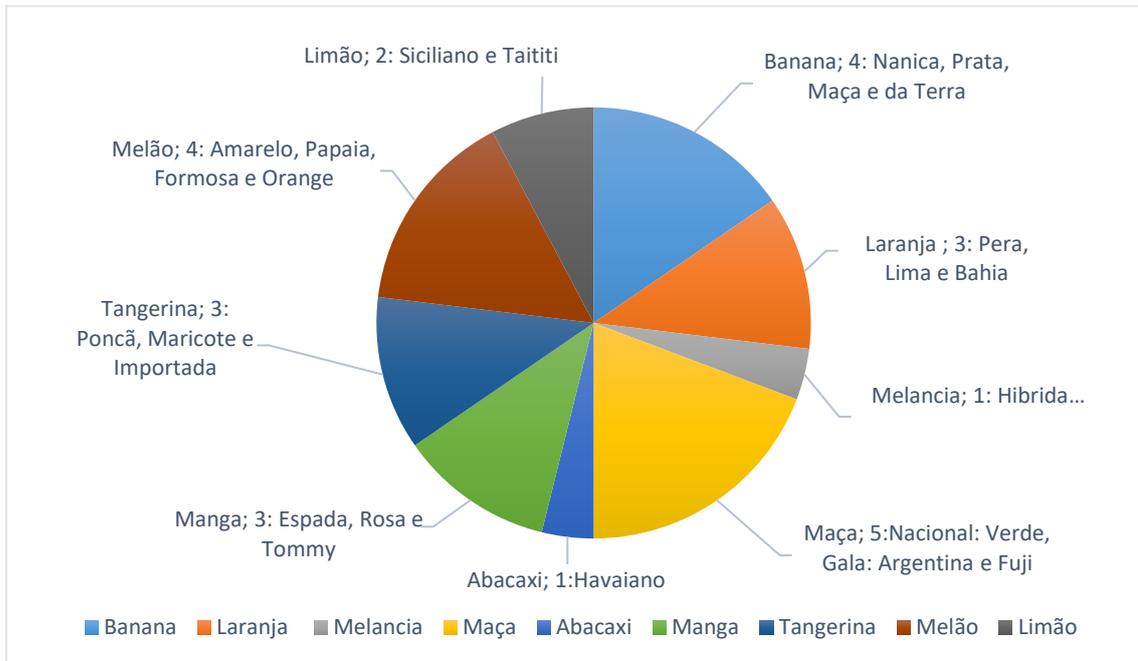
A cada ano a diversidade de alimentos diminui, diferente de séculos passados, onde a diversidade era a realidade. Pekkanivew (1975 *apud* NAIME, 2018), identifica, em estudo comparativo de padrões de consumo alimentar no mundo, o consumo dos vários tipos de alimentos consumidos na contemporaneidade, como tubérculos, incluindo batata, batata doce, inhame e mandioca.

Nesse estudo, Pekkanivew (1975) mostra esse consumo em diferentes áreas, um consumo que é dependente do nível de desenvolvimento e das condições de produção, áreas desenvolvidas que consomem diferentes proporções de tipos de alimentos em relação àquelas em desenvolvimento. A perda das condições de produção, tende a gerar baixa oferta de diversidade gerando essa monocromia de alimentos, noutras palavras, a perda na diversidade alimentícia.

A pesquisa de campo ocorreu durante três meses. No mês de junho foram realizadas visitas, para a observação, no período de 14 a 16; no mês referente a julho a observação foi

realizada entre os dias 12 e 14, e no mês de agosto, as visitas ocorreram entre os dias 16 e 18. O gráfico 1 traz dados coletados em visitas aos supermercados.

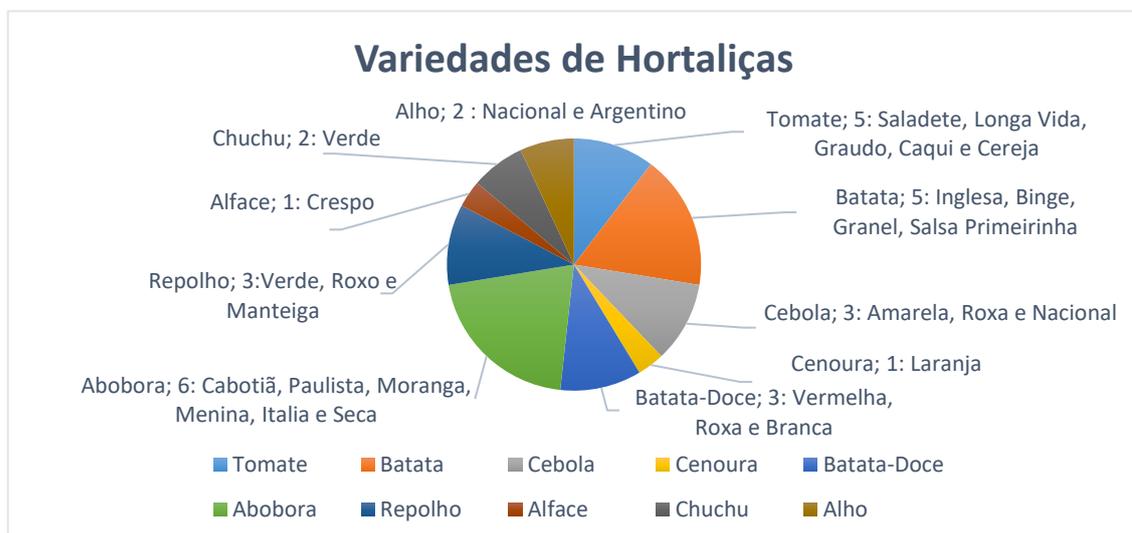
Gráfico 1: Variedades de Frutas.



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

As variedades de frutas encontradas nas gondolas dos mercados chega a ser algo simultâneo. Em alguns mercados não se encontrava algumas variedades de frutas, exemplo da melancia, que só foram encontradas em quatro mercados e de uma única variedade. O abacaxi, disponível na maioria dos mercados, também só encontramos uma única variedade.

Gráfico 2: Variedades de Hortaliças.



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

Tanto nas grandes redes de mercados quanto nos menores mercados, os produtos são praticamente os mesmos e sempre a baixa diversidade de frutas e de hortaliças. Todos os meses são disponibilizados as mesmas variedades.

As figuras abaixo retratam as gôndolas dos mercados da cidade em dias de semana, nelas pode se observar as principais variedades de frutas e hortaliças disponibilizadas para a população naviraiense, com destaque para o melão, a maçã, limão taiti, abacaxi, laranja etc.



Figura 1: Gôndolas do supermercado C-Vale.
Fonte: Carlos Bernegossi, 2021.



Figura 2: Gôndolas com hortaliças no supermercado C-Vale.
Fonte: Carlos Bernegossi, 2021.



Figura 3: Gôndolas com hortaliças e frutas no supermercado Cro Cra.
Fonte: Carlos Bernegossi, 2021



Figura 4: Gôndolas com hortaliças e frutas no Atacadista Fogo e mercado Chama.
Fonte: Carlos Bernegossi, 2021



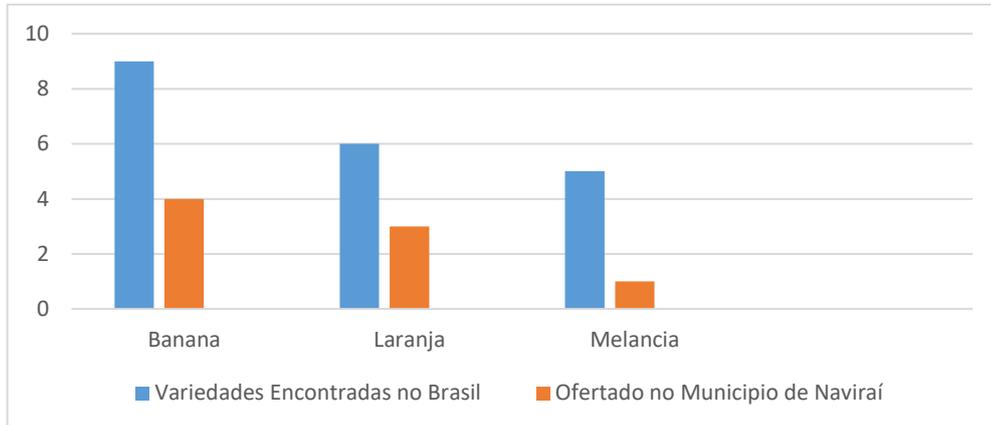
Figura 5: Gôndolas com hortaliças e frutas no supermercado Santos.
Fonte: Carlos Bernegossi, 2021



Figura 6: Gôndolas com hortaliças e frutas no estabelecimento Só Frutas.
Fonte: Carlos Bernegossi, 2021

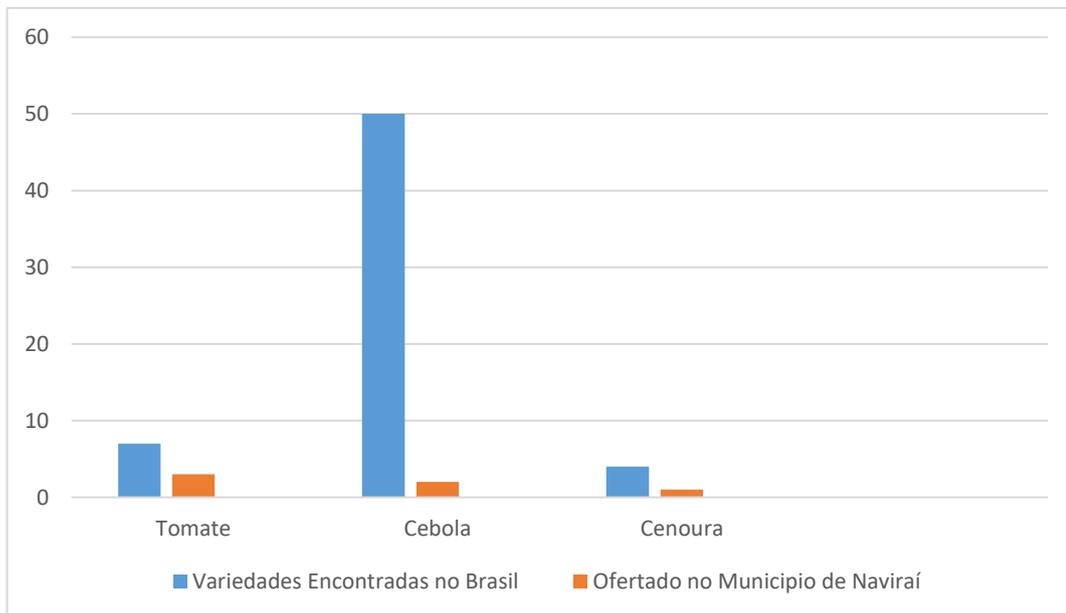
A seguir demonstramos, de forma comparativa, as variedades encontradas no Brasil com alguns alimentos dos setores de frutas e hortaliças dos alimentos ofertados nos mercados do município de Naviraí:

Gráfico 3: Comparação das frutas ofertadas.



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

Gráfico 4: Comparação das hortaliças ofertadas.



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

A comparação foi feita somente com seis alimentos, sendo elas do setor de frutas: banana, laranja e melancia; e, do setor de hortaliças: tomate, cebola e cenoura. Pelo que podemos observar, esses alimentos são os principais alimentos buscados pelos consumidores. Alguns alimentos são divididos em grupos como as bananas: prata, pacovan, prata anã, maçã,

mysore, terra e d'angola do grupo AAB, utilizado para mercado interno. Nanica, Nanicão e Grande Nain são do tipo AAA, usado para exportação.

Os tomates ofertados no município são o caqui, italiano ou graúdo e o tomate cereja. O Brasil usa o termo “tomate de longevidade” para descrever as características de certas variedades específicas de tomate (variedades de longevidade) que produzem frutos mais protegidos após a colheita. Já as cebolas no país são cultivadas 50 variedades: amarela, roxa, branca, pérola, chalotas. (Tipos de tomate: conheça todos e saiba quais servem para fazer salada e/ou molho. Globo, 2015.)

5 CONCLUSÕES

O consumo de frutas, legumes e verduras são fundamentais para uma dieta saudável. A partir de uma boa alimentação, a saúde individual e coletiva de determinado grupo social tende a melhorar de forma consistente. Quando você vai ao supermercado, a quantidade de cores, formatos, marcas, desenhos, fotos e alternativas é impressionante. À primeira vista a impressão é que a diversidade de alimentos está aumentando, mas, na verdade, a palavra mais marcante nos padrões alimentares contemporâneos é a “monotonia”. E isso representa uma ameaça tripla para a saúde, para segurança alimentar e para os serviços ecossistêmicos dos quais todos dependemos. O processo de transformação industrial ampliou a variedade de produtos oferecidos, mas não a biodiversidade de produtos. Em vez disso, isso é sistematicamente reduzido em favor de ingredientes industriais que podem criar o sabor, aroma, consistência e aparência dos produtos vendidos com base nas espécies limitadas derivadas de plantas.

No momento, o que vemos em vários lugares, inclusive em Naviraí, é uma monocromia alimentar. Noutras palavras, uma crescente perda da diversidade de alimentos consumidos pela população. Todavia, partimos da hipótese de que não se trata de algo natural, de uma mudança comportamental fruto da própria dinâmica social, mas, sim, de um processo de monopólio da produção e da oferta de determinados alimentos.

O grande capital, de forma hegemônica seleciona, de forma intencional, alimentos que melhor podem ser aceitos pela população ou os que melhor podem ser produzidos. Selecionam determinados tipos de bananas, por exemplo, baseados na genética da planta, no fenótipo, na sua fotogenia etc. A partir daí melhora-se ainda mais aquela espécie, deixando as outras espécies em segundo plano.

A tendência é que as outras espécies “economicamente inviáveis” deixem de existir, pois não haverá mais o interesse pelo consumo e, conseqüentemente, pelo plantio. Passa-se

então a se consumir apenas uma variedade de banana, ou apenas uma variedade de melancia, de abacaxi, de abacate, de tomate, de pepino etc., quando se sabe que na natureza existem dezenas de espécies dessas frutas e legumes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos(as) os(as) professores(as) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) que muito contribuíram para a realização deste artigo, resultado do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Professores que com seus ensinamentos tornaram a minha formação acadêmica possível. Agradeço ao meu orientador que me guiou pelo caminho do TCC.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Marcele Juliane Frossard. **Hegemonia cultural**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/hegemonia-cultural/>. Acesso em: 2 jul. 2022.

BURITY, Valéria; FRANCESCHINI, Thaís; VALENTE, Flávio. **Segurança Alimentar e Nutricional – SAN e o Direito Humano à Alimentação Adequada – DHAA**. Brasília, DF: ABRANDH, 2010.

COLLADO, Angel Calle. Soberanía alimentaria y Agroecología Emergente: la democracia alimentaria. Capítulo del libro Democracia Radical. Entre vínculos y utopías, editado por Ángel Calle Collado (Editorial Icaria, 2011).

DANTAS, Cauby. **Gilberto Freyre e José Lins do Rego**: diálogos do senhor da casa-grande com o menino de engenho [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2015. Substractum collection, 173 p. Available from SciELO Books. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 3 set. 2022.

ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL. Estudo da Dimensão Territorial do Estado de Mato Grosso do Sul: Regiões de Planejamento. Campo Grande, 2015. Disponível em: http://www.semagro.ms.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/estudo_dimensao_territorial_2015.pdf. Acesso em: 3. Jul. 2022.

LUIZ, Lindomar Teixeira. A ideologia do consumismo. **Colloquium Humanarum**, v. 3, n.2, dez. 2005, p. 39-44. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/204>. Acesso em: 3 set. 2022.

MACHADO, Priscila Pereira; OLIVEIRA, Nádia Rosana Fernandes; MENDES, Áquilas Nogueira. O indigesto sistema do alimento mercadoria. **Saúde Soc.** São Paulo, v.25, n.2, p.505-515, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/SL48V3NbbVNPNNRXybCqfqP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 ago. 2022.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg**; a formação do homem tipográfico. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, Editora da USP, 1972.

NAIME, Roberto. Reflexões sobre a alimentação. **Eco Debate**, 2018. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2018/06/12/reflexoes-sobre-alimentacao-artigo-de-roberto-naime/>. Acesso em: 02 maio 2021.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 4 Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

Os tipos de cebolas e as diferenças entre elas. MF Magazine: Conteúdo autoridade no campo. Disponível em: <https://blog.mfrural.com.br/tipos-de-cebolas/>. Acesso em: 08 set. 2021.

PORTELLI, Hughes. **Gramsci e o bloco histórico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PEKKANIVEW, M. World food consumption patterns. *In*: RECHAIGL Jr., M. **Man, food and nutrition**. Ohio, Ed. CRC Press, 1975. p.16-33.

SANTOS, Boaventura Sousa de. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

Soberania alimentar: une os movimentos do campo e da cidade. Disponível: < <https://agroecoculturas.org/soberania-alimentar/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

STEDILE, João Pedro; CARVALHO, Horácio Martins. **Soberania Alimentar**: uma necessidade dos povos (2010). Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2011/03/25/soberania-alimentar-uma-necessidade-dos-povos-artigo-de-joao-pedro-stedile-e-horacio-martins-de-carvalho/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

Tipos de tomate: conheça todos e saiba quais servem para fazer salada e/ou molho. Globo, 2015. Disponível em: <https://gnt.globo.com/programas/cozinha-pratica/noticia/tipos-de-tomate-conheca-todos-e-saiba-quais-servem-para-fazer-salada-e-ou-molho.ghtml>. Acesso em: 08 set. 2021.